

CB
12/4/97 13

Aliciamentos com drogas e armas

Belém — Madeiros do sudeste do Pará estão aliciando jovens índios da tribo Parakanã com drogas e armas para extrair ilegalmente madeira das reservas Apitewera e Xingu — principalmente mogno e cedro, espécies altamente cotadas no mercado internacional.

Segundo Felício Potes Junior, procurador do Ministério Público Federal, os madeiros dão “comidas, camisas, redes, bebidas alcoólicas, maconha e até armas pesadas” aos índios com idades entre 15 e 18 anos para que facilitem a entrada de suas máquinas nas reservas.

Um dossiê completo contendo as denúncias sobre a invasão de duas reservas por empresas madeireiras dos municípios de São Félix do Xingu e Tucumã já havia

sido entregue, no final do ano passado, ao delegado Adolfo Machado, da Polícia Federal.

O documento é assinado por Claudemir Monteiro, secretário do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

O antropólogo Carlos Fausto, que trabalha com os índios Parakanã, também já havia comunicado o fato ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). A Fundação Nacional do Índio (Funai) igualmente soube do caso, mas não tomou qualquer providência.

RÁDIOS

A Polícia Federal descobriu que os madeiros mantinham bases de apoio dentro das reservas Xingu e Apitewera, substituindo os rádios de comunicação de uma das aldeias para manter escuta

diária na frequência de contato com a Funai.

“Eles utilizavam a mão-de-obra indígena no transporte de madeira até às margens do rio, de onde era levada a São Félix do Xingu”, acrescentou Felício Junior.

Os Parakanã revelaram que Evandro Moreira Perez, Crezu Fadu Magalhães e um outro homem de prenome Leonardo eram alguns dos madeiros que extraíam mogno e cedro da reserva.

Segundo a polícia, a madeira Ouro Verde, de propriedade de Wagner Bernardes de Freitas, de São Félix do Xingu, era a principal compradora.

Um cálculo preliminar estima em R\$ 2,5 milhões o volume de madeira retirada ilegalmente das duas reservas.